

Os Negros no Cenário Musical: sua arma, seu escudo, sua força contra o racismo¹

Andressa Linhares do Santos NUNES²

Jéssika Suelly Magalhães de FARIAS³

Kaiane da Conceição COSTA⁴

Matheus Lopes de Sousa ARAUJO⁵

Mônica Rayanne Garces RAMOS⁶

Álvaro Roberto PIRES⁷

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

RESUMO: Relacionar-se com o outro é um exercício que requer respeito para com as ideologias, costumes e crenças. Neste aspecto, é notório que vivemos em uma sociedade marcadamente preconceituosa e principalmente racista. É evidente a formação híbrida em nosso país, influenciada diretamente pela cultura africana. A figura negra feminina é duplamente ultrajada de forma discriminatória. Partindo destas premissas, o presente trabalho destaca a música como seu escudo. Para tanto, destacamos figuras que levam consigo o orgulho negro, citando um pouco da história de seus instrumentos próprios, o estilo inconfundível e suas marcas culturais. Porém, a aura de heroísmo trazido pelo cenário musical ainda não é o suficiente para que se esgotem as discussões frente a ditadura imposta pela sociedade racista, dita pós-moderna.

Palavras-chave: Racismo; Música negra; Cultura híbrida; Identidade negra; Jongo.

1 Introdução

O relacionamento entre as pessoas é um fator complicado e muito estudado, pois é necessário captar que cada um possui suas peculiaridades; sendo assim surgem ideologias, costumes e crenças diferentes. Codo (1999) afirma que para compreender o ser humano deve-se levar em conta sua contribuição no processo de formação de opinião de uma sociedade, a complexidade no relacionamento não está pautada apenas no próprio indivíduo, mas também em tudo que gira ao redor das relações humanas. O Brasil, mesmo sendo um país com uma enorme diversidade, ainda possui uma forte dificuldade nas relações interpessoais, o obstáculo está justamente em não saber lidar com a diferença no outro.

Uma das principais barreiras é o preconceito, especialmente o racismo, que segundo Cashmore (2000), o racismo é uma ideologia baseada nas crenças e tem como enfoque a raça que definiria a cultura, a partir dessa concepção deturpada sobre a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduanda do Curso de Relações Públicas da UFMA, e-mail: andressafofinha15@hotmail.com

³ Graduanda do Curso de Relações Públicas da UFMA, e-mail: jessikafarias@outlook.com

⁴ Graduanda do Curso de Relações Públicas da UFMA, e-mail: kayannecosta@gmail.com

⁵ Graduando do Curso de Relações Públicas da UFMA, e-mail: matheus492008@hotmail.com

⁶ Graduanda do Curso de Relações Públicas da UFMA, e-mail: monicargramos@hotmail.com

⁷ Professor do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Orientador do trabalho. e-mail: logunede@uol.com.br

questão racial nasce um conceito racista. Assim, o fenótipo de uma pessoa pode definir seu lugar no campo social, partindo da ideia de prejulgamento pela questão étnica de forma mais árida, pois envolve aspectos físicos.

O preconceito convive de forma persistente na sociedade. Além da questão racial factível, nota-se que a figura feminina negra é cada vez mais presente e atuante na cultura brasileira, o que pode ser considerado como avanço social. O sexo feminino destacou-se na sociedade contemporânea após batalhas empreendidas ao longo da história no contexto político, cultural e social, repercutindo na questão profissional de sua condição como mulher e negra.

A questão do preconceito vem de muito tempo. Época em que a mulher negra não era nada e muito menos reconhecida como uma pessoa que pudesse influenciar na sociedade.

Em regra, as negras eram forçadas a deitar-se na rede com o amo e depois sofrer com a vingança da esposa branca, que enciumada e com raiva, as tratavam de forma cruel, com castigos físicos, separando-as de seus filhos legítimos, entre outras estratégias adotadas. Em reação, algumas negras assassinavam mulheres brancas e fugiam. Numa sociedade patriarcal em que a mulher era valorizada apenas pela função de ser mãe, a mulher negra era objeto, a ela negava-se o direito à maternidade, logo, o direito de ser mulher. Outro discurso formado: A mulher negra não é mulher (GIACOMINI, 1988, p. 80- 83).

O resultado de estudos e pesquisas aponta que o cenário da sociedade brasileira, no que tange a figura da mulher, ainda é composto de desigualdade de gênero e raça. A mulher negra brasileira é ultrajada de forma discriminatória duplamente. Primeiro, por ser mulher numa sociedade machista. Segundo por ser negra nessa mesma sociedade que é pluricultural por gênese, mas mesmo assim é fortemente racista.

Contrariando todos os prognósticos, a mulher negra brasileira galgou novos patamares no cenário cultural, especificamente, no campo da música. Os novos indicadores ainda não são maravilhosos, mas sinalizam que a mulher negra já desponta como uma figura de relevância para a construção de um novo nível de convivência humana, onde ela como mulher e negra consegue encaminhar projetos e trabalhos de grande valor e repercussão social na música brasileira.

Assim, o objetivo desse artigo é enfatizar que apesar da sociedade brasileira majoritariamente racista e machista, o negro, em especial, as mulheres negras, tem seu espaço de destaque: a música, seu escudo protetor. Para tanto, apresentamos as músicas que marcaram época, bem como os cantores que levam consigo a verdade negra, o

orgulho e a vontade de lutar por seu espaço. Destacamos ainda os instrumentos próprios como marca cultural e ainda a questão estética como identidade corporal.

2 Contexto Histórico: A Música Negra Mundial e Brasileira

A história sempre apontou negros marcantes na indústria musical. Ray Charles, Steve Wonder, Bob Marley, Tim Maia, Nina Simone, Sandra de Sá, dentre outros. Porém, Bob Marley acaba se destacando, devido à situação na qual se encontrava. Seu país era assolado pela miséria e pelo racismo, pelas desigualdades conjunturais. A música foi sua arma para combater isso, e em 1965, aos vinte anos, Marley lançou seu primeiro álbum chamado *The Wailing Wailers*, junto a sua banda *The Wailers*. Ele faleceu em 1981, mas deixou um imenso legado, e até os dias atuais ele é fonte de inspiração para o combate a repressão étnico-racial⁸. Nos Estados Unidos, país marcado pela intolerância racial, Nina Simone teve notoriedade. A cantora e também ativista, teve músicas censuradas nos estados do Sul, conhecidos por sua intolerância racial. A mais emblemática canção foi *Mississippi goddam*, segundo a biografia do autor David Brun-Lambert⁹. Essa composição se deu em 1963, após um jovem negro ser morto por um grupo de brancos. De acordo com Nacked (2012), Nina “faz uma viagem pelos séculos de exploração do trabalho dos negros americanos, retornando aos campos de algodão do Sul do país”¹⁰. Nina faleceu em 2003, na França, próximo a Marselha¹¹

No Brasil, a música negra chegou com o título de “Black Music”. Segundo Marcelo Janot, crítico de cinema, DJ e bacharelado em Comunicação pela PUC-Rio, em entrevista concedida a TV Brasil, “muita gente acha que a Black Music começou com o Hip Hop, mas não, a Black Music é muito mais antiga, e remonta ao início do

⁸ *Overview of Bob's Legacy*, disponível em <http://www.bobmarley.com/history/>. Acesso em 12 Jul. 2015

⁹ É um autor, jornalista, escritor e produtor de rádio francesa, especialista em cultura pop e vanguardas culturais contemporâneas.

¹⁰ NACKED, Rafaela Capelossa. Identidades negras em diáspora: memória e historicismo através das músicas dos anos 1960-1970.. Em: ANAIS DO PRIMEIRO COLOQUIO INTERNACIONAL CULTURAS JOVENS AFRO-BRASIL AMERICA: ENCONTROS E DESENCONTROS, 1., 2012, São Paulo. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000132012000100030&lng=en&nr_m=abn>. Acesso em 14 Jul. 2015

¹¹ BIOGRAFIA conta trajetória de Nina Simone, grande diva do jazz. *GI*, 04 de Jan. de 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2012/01/biografia-conta-trajetoria-de-nina-simone-uma-das-grandes-divas-do-jazz.html>> acesso em 13 Jul. 2015.

século passado, desde o blues”¹². Essa série de reportagens foi exibida em novembro de 2014, para comemorar o dia da raça negra.

A chegada da Black Music ao Brasil teve como um dos principais responsáveis Newton Alvarenga Duarte, o “Big Boy”. Na mesma série de reportagens, sua ex-esposa e Relações Públicas, Lúcia Duarte, afirma que

A gente não pode falar no rádio do Brasil sem falar – antes do Big Boy – e – depois do Big Boy –. Ele, de fato revolucionou a linguagem do rádio. Ele era um arauto das novidades do mundo da música, e fazia essa ponte, esse elo entre o que acontecia no mundo em termos da música pop da época, inclusive a brasileira, com esse público¹³.

Segundo Dom Filó, produtor musical, o radialista foi o responsável por trazer esse estilo para as rádios brasileiras, nas décadas de 60 e 70, na Rádio Mundial. A inserção da Black e Soul Music nas rádios brasileiras contribuiu para o movimento identitário do “orgulho negro”, como o próprio cita.¹⁴ Ainda segundo Naked (2012):

Havia um fascinante historicismo e uma força política nas canções do período. Nota-se um grande esforço neste sentido nas músicas, mas também na adoção de uma estética de África aonde o cabelo e a moda têm um papel importante na adoção de uma postura anti-colonial e anti-esterilização do corpo¹⁵

Atualmente, temos vários representantes dessa vertente no Brasil. Sandra de Sá, em entrevista ao jornalista Nelson Motta, defendeu a ideia de que o Soul Music brasileiro era uma cópia do estilo americano. Ela afirmou que antes as ações eram tomadas por impulso, porém absorvendo a essência do movimento. Entretanto, disse que atualmente ainda há esse impulso, mas com uma dose de consciência. Sandra de Sá disse que o movimento negro incomoda “racistas,

¹² CONHEÇA um pouco da história da música negra no Brasil. EBC, 12 de Nov. de 2014. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cultura/2014/11/conheca-um-pouco-da-historia-da-musica-negra-no-brasil>. Acesso em 13 Jul. de 2015

¹³ SAIBA quem foi Big Boy, o “disk jockey” que revolucionou o rádio. EBC, 11 de Jan. de 2014. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cultura/galeria/videos/2014/01/saiba-quem-foi-big-boy-o-disc-jockey-que-revolucionou-o-radio>. Acesso em 13 Jul. 2015.

¹⁴ CONHEÇA um pouco da história da música negra no Brasil,. EBC, 12 de Nov. de 2014. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cultura/2014/11/conheca-um-pouco-da-historia-da-musica-negra-no-brasil>. Acesso em 13 Jul. de 2015

¹⁵ NACKED, Rafaela Capelossa. Identidades negras em diáspora: memória e historicismo através das músicas dos anos 1960-1970.. Em: ANAIS DO PRIMEIRO COLOQUIO INTERNACIONAL CULTURAS JOVENS AFRO-BRASIL AMERICA: ENCONTROS E DESENCONTROS, 1., 2012, São Paulo. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000132012000100030&lng=en&nrn=abn. Acesso em 14 Jul. 2015

complexados e burros”, por não acatarem a ideia de que somos um povo miscigenado. Zezé Motta também é bastante relevante no movimento. Ela, junto a outras doze cantoras, foi citada em “Solistas Dissonantes: História (oral) de Cantoras Negras”, de Ricardo Santhiago.¹⁶ A obra se refere a cantoras negras que optaram pela MPB e não a bossa nova. O autor cita que tal decisão era vista com “ousadia”, pois esperava que essas cantoras normalmente optassem por samba e suas vertentes.¹⁷

Outra cantora que possui notoriedade é Daniela Mercury. Na década de 90, ela ficou conhecida por “O canto da cidade”. A música fez parte de uma série chamada “Por trás da canção”, do canal BIS. No documentário, o jornalista Rodrigo Faour pontuou que a música trazia elementos relacionados à negritude e a geografia de Salvador, ocorrendo uma autoafirmação do povo negro e mestiço da Bahia, representando, assim, o povo brasileiro. A diversidade rítmica e os elementos marcantes dessa música não foram tão notórios quanto nas músicas lançadas posteriormente por outros compositores. Daniela apregoa que o povo baiano tinha a necessidade de afirmar sua negritude, e isso foi possível por meio da canção. O sucesso foi instantâneo, e rendeu o Prêmio Sharp de melhor música do ano de 1992.¹⁸

Mas não é só na voz que as mulheres negras se destacam. Suas histórias de vida também são melodiadas, transformadas em grandes obras teatrais e por que não, cantadas. É o caso da música “Maria Maria” de Milton Nascimento, que também fez parte da série de reportagens citada.¹⁹ Segundo o cantor, essa composição foi feita para o grupo Corpo de Balé, em parceria ao compositor Fernando Brant, que foi procurado pelo grupo. Paulo Pederneiras, um dos fundadores da companhia, afirmou que.

A ideia do Fernando era exatamente falar sobre uma mulher do povo, negra, que teve todos os problemas na vida, e que mesmo assim continua tendo fé na vida, então ficou esse nome, Maria Maria, afinal de contas não era um personagem, essa Maria era vários personagens, e foi baseado nesse roteiro do Fernando Brant que o Milton compôs essa música.

¹⁶ É jornalista e historiador e defendeu tal tema na tese de mestrado

¹⁷ Livro traz trajetória de cantoras negras 'não-sambistas', USP, 30 de Out. de 2009. Disponível em: <http://www.usp.br/agen/?p=10038>. Acesso em 13 Jul. 2015.

¹⁸ POR trás da Canção T03.EP03 - "O Canto da Cidade", Canal BIS, 08 de Maio de 2015. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=cDPMOyOVj_A. Acesso em 13 Jul. de 2015.

¹⁹ POR Trás da Canção T01 EP05 – Maria Maria e Ex- Mai Love, Canal BIS, 18 de Abr. de 2013. Disponível em <https://vimeo.com/album/2440605/video/69324010>. Acesso em 13 de Jul. de 2015.

O espetáculo foi lançado em 1976, e a música foi gravada apenas em 1978. Depois disso, Milton foi fazer um show na Suíça, e tocou a canção. Segundo Maria Dolores, biógrafa de Milton Nascimento, a execução da música foi o ápice do show. A música se tornou trilha sonora do Filme “Visões”²⁰, com Antonio Banderas. A canção foi executada no fim do filme. Milton pontua ainda “toda Maria que eu encontro fala que eu fiz pra ela, e ela não tá errada não”.

3 Toques e Ritmos: Uma Marca Cultural

A cultura brasileira é um mosaico e outros povos identificam-na pela diversidade social, étnica e cultural. É inegável tamanha influência da cultura negra nessa formação híbrida do país. Na música existem representações extremamente nativas, como o Jongo, uma dança brasileira de origem africana, que veio junto com escravos e disseminou-se, sobretudo na área rural.

O Jongo é uma prática muito tradicional nas comunidades de Barra do Pirai, Vassouras, Paraíba do Sul localizados no estado do Rio de Janeiro e Guaratinguetá e Lagoinha, São Paulo. Os escravos praticavam-na e transmitiram aos seus filhos, netos e é praticada na atualidade. Grande responsabilidade de sua propagação e repercussão nacional é devido ao Mestre Darcy, que se dedicou a difusão por meio da recriação da dança em palcos e centros culturais, incentivando workshops e oficinas (MACHADO, 2011).

Segundo Machado (2011), no livro *Jongos, Calangos e Folias: música negra, memória e poesia*, esta prática músico-cultural foi importante para aproximar os negros escravos que falavam dialetos e línguas semelhantes, em alguns momentos, como forma de planejar suas fugas. É praticada ao som dos tambores e através de enfrentamentos cantados pelos participantes, que devem continuar a cantar rimando e respondendo ao antecessor.

O samba, uma das marcas mais expressivas da cultura nacional, é originado do Jongo, do maxixe, das umbigadas, uma mescla de batuques e danças ritmadas, que envolvem a dança e inicialmente letras improvisadas nas conhecidas rodas de samba. O maxixe também é um ritmo de origem africana, mais especificamente de Moçambique. A dança do maxixe é uma precursora da dança de salão do Brasil que influenciou diretamente a criação do Baile Charme, a nova e já tradicional expoente da cultura

²⁰ “Visões”, 2002. Disponível em <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-49073/>. Acesso em 13 Jul. de 2015.

negra, oriunda do Bairro de Madureira, a qual reúne fãs da música negra que se encontram para dançar.

É evidente que a cultura brasileira é diretamente influenciada pela cultura africana, mesmo que através da escravidão, uma prática que depreciou o negro, mas ajudou a formar a identidade nacional. Contribuiu, inclusive, para uma rica e vasta gama de danças, ritmos e instrumentos frutos do contato, vivência e cotidiano entre o Brasil e o povo africano. E o resultado dessa interação está presente diariamente na vida do brasileiro.

O Axé, gênero musical bastante conhecido mundialmente por ser tradicionalmente um dos símbolos do período de carnaval, arrasta milhares de pessoas para o trio elétrico durante o ano inteiro. Com uma enorme quantidade de instrumentos africanos, de ritmo bem marcado, uma percussão diversificada, conta com afoxé, também bastante utilizado no reggae e nos rituais de umbanda, o agogô e tambores de todas as formas, dos mais diversos sons.

O berimbau, instrumento de corda e o caxixe, de percussão, são os principais objetos da capoeira, bem como o reco-reco e a cuíca no samba. Todos oriundos da África ou do contato cultural. Cancline (2011 *apud* Sousa 2012) cita que este fenômeno de cruzamento de culturas gerando algo novo é a chamada hibridização. Multicultural e capaz de possibilitar o respeito, valorização e tolerância às diversidades culturais, o hibridismo não é um processo que traz ao sujeito a sensação de completude ao dialogar com outras culturas, pelo contrário, seria o momento onde o sujeito percebe que sua identidade está sempre sendo reformulada, ressignificada e reconstruída, num jogo constante de assimilação e diferenciação para com o “outro”, permanecendo sua indecisão sobre qual matriz cultural mais representa (HALL, 2003).

A identidade brasileira está em constante modificação, mas a presença africana é inegável e inseparável. A discriminação brasileira com o negro significa a negação de sua origem, sua música, seus instrumentos e aquilo que forma a miscelânea étnica e cultural social encontrada no Brasil. O samba já fora discriminado por fazer parte da cultura afrodescendente e hoje é reconhecido e anunciado como motivo de orgulho pela sociedade, que se apropriou do carnaval, escolas de samba, alegorias, bateria bem marcada e feita por uma sonoridade ímpar, formada por instrumentos de diversas origens, sobretudo africana.

4 Linguagem Corporal e a Identidade Negra

*“respeitem meus cabelos, brancos
chegou a hora de falar
vamos ser francos
pois quando um preto fala
o branco cala ou deixa a sala
com veludos nos tamancos
cabelo veio da África
junto com meus santos
benguelas, zulus, gêges
rebolos, bundos, bantos
batuques, toques, mandingas
danças, tranças, cantos
respeitem meus cabelos, brancos
se eu quero pixaim, deixa
se eu quero enrolar, deixa
se eu quero colorir, deixa
se eu quero assanhar, deixa
deixa a madeixa balançar”*

Música: Respeitem meus cabelos, brancos
Letra: Chico César

Falar de cultura negra é falar de cultura brasileira, isso é inquestionável. No cenário musical não seria diferente: a identidade negra vai, além das letras e composições, interagir com as roupas, adereços, penteados, estampas e estilos bem característicos do povo africano, remetendo a suas raízes. O estilo inconfundível já se pronuncia como das coisas mais marcantes e, talvez, a que mais chame atenção sejam os cabelos (Figura 1).



Figura 1. Diversos tipos de penteados. Fonte: 100penteados.blogspot.com.br

No documentário sobre estética e cabelos afros: *Espelho, Espelho Meu*, publicado por Adriele Moreno no canal do YouTube do Ayódelê Oduduwa,²¹ encontramos diversos depoimentos sobre a aceitação pessoal através do cabelo. O historiador Antonio Cosme explica que no que diz respeito à identidade negra, o cabelo é fundamental. Gostar do cabelo é, sobretudo, gostar do próprio corpo, é aprender a olhar no espelho e gostar do que vê tal como o reflete. O Presidente do núcleo OMI-DUDU – localizado na cidade de Salvador, Bahia - Bartolomeu Dias da Cruz, afirma também que toda representação estética da África, ao contrário do que se pensa, não são fantasias ou maquiagens, são linguagens sociais.

Essa linguagem é facilmente identificada no âmbito musical através de cantores que fazem questão de manter em suas indumentárias, adornos que lembrem suas raízes e aumentem a representatividade do seu povo nos meios de comunicação. É uma identificação natural que contribui para a quebra de padrões sociais construídos há muito no cenário estético-artístico.

São exemplos dessa representatividade os cantores Carlinhos Brown (Figura 2), consagrado no meio artístico por seus figurinos singulares, Sandra de Sá (Figura 2) com seu cabelo trançado, penteado típico da comunidade negra, Vanessa da Mata e Negra Li (Figura 2), por seus cabelos crespos bem volumosos.



Figura 2. Respectivamente: o cantor Carlinhos Brown, a cantora Sandra de Sá, a cantora Vanessa da Mata e a cantora Negra Li. Fonte: clickgratis.com.br (Portal R7).

Ainda falando de cabelos, mas com foco agora nos acessórios, encontramos como marca registrada do cantor Carlinhos Brown, além de vários outros acessórios indispensáveis em seus modelitos, os turbantes (adorno usado na cabeça desde o Egito Antigo, que tinha como principal função a proteção da cabeça contra o sol e a poeira). Na religião islâmica, o turbante é símbolo material de fé e espiritualidade, é a fronteira

²¹ DOCUMENTÁRIO sobre estética e cabelos afros: *Espelho, Espelho Meu*. 25 de Nov. de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=44SzV2HSNmQ>. Acesso em: 14 de Jul. 2015.

entre a crença e a descrença. “Na África os tecidos enrolados no corpo fazem parte da cultura e os turbantes fazem parte dessa indumentária complementando o conjunto. São utilizados por homens e mulheres e na África Negra, os chamados turbantes gelê, têm funções sociais, religiosas e, claro, fazem parte da moda”.²²

Carlinhos Brown acaba de completar 50 anos, mas nem pensa em mudar o figurino que o consagrou: turbantes, muitos anéis no dedo, óculos escuros, colares, sandálias. ‘Sempre fui vaidoso e não tenho pudores de dizer isso’, confessa o músico. Com um visual único, Carlinhos é sempre procurado por sites e revistas femininas para dar opinião sobre moda. ‘Adoro me vestir e não é pra ficar parecido com ninguém, é pra parecer comigo’.²³

Segundo Débora Armelin Ferreira, em matéria produzida ao site Afreaka,²⁴ a linguagem corporal tradicionalmente faz parte da criação e da produção material e imaterial na África. Há séculos, os africanos utilizam o corpo como veículo de conexão entre o mundo visível e invisível. Quando falamos de uma sociedade baseada na tradição oral, seus corpos servem como portadores de memória, da história e da herança de seus antepassados, contendo signos a serem decifrados e decodificados, expressos como “tradição viva”, como já dizia o grande sociólogo e historiador maliano Hampaté Bá (ONLINE, 2015).

No Brasil, um grupo que possui como marca registrada a pintura corporal e uso de símbolos tribais também em seus instrumentos é o grupo Timbalada (Figura 3).

O Timbalada é um grupo vocal-percussivo criado no bairro de Candeal, em Salvador, no fim da década de 80, teve como mentor, diretor, organizador e divulgador o músico Carlinhos Brown. Caracterizado pela batida dos timbales (tambores de madeira e fibra sintética, antes restritos aos terreiros de candomblé), o grupo criou um ritmo diferente, com acentuada influência africana²⁵

²² TURBANTES II: Religião, moda e cultura. 30 de Jul. de 2011. Disponível em: <http://www.bahia.ws/turbante-e-religiao-moda-e-cultura> . Acesso em: 14 de Jul. de 2015.

²³ AOS 50, Carlinhos Brown é um ícone da moda. 30 de Nov de 2012. Disponível em: <http://www.50emails.com.br/moda/aos-50-carlinhos-brown-e-um-icone-da-moda-2/>. Acesso em: 14 de Jul. de 2015

²⁴ O corpo negro como local de discurso. 2015. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/o-corpo-negro-como-local-de-discurso/>. Acesso em: 14 de Jul. de 2015.

²⁵ TIMBALADA , ONLINE, Disponível em: <<http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/ver/timbalada>> acesso em: 14 de Jul. de 2015.



Figura 3. Grupo Timbalada. Fonte: 4.bp.blogspot.com.

A moda africana ou afro-brasileira possui como forte elemento também as estampas.

A influência da cultura africana é estampada nas cores, formas e estilo da moda atual afro-brasileira. Isso pode ser observado na utilização de tecidos coloridos, tecidos africanos, ou mesmo agregando nessa moda, artefatos regionais, como a renda e o bordado. Falar de uma moda afro é tentar sintetizar parte de uma cultura muito rica e vasta. Construimos então uma moda afro-brasileira, onde a cultura regional também nos influencia. Um grupo é identificado pelas suas vestimentas, seus costumes, sua cultura. Criando assim um estilo próprio. A valorização desse estilo é resultado da nossa política de afirmação. Sim, moda também é uma ferramenta importante pra nossa identidade²⁶

A mais recente personalidade do meio artístico-musical a pôr em foco essa cultura das cores e estampas no campo midiático foi a vocalista da banda Devir, Amanda Chaves (Figura 4), que esteve participando da última edição do programa da TV aberta, o Superstar.



Figura 4. Amanda Chaves, vocalista da banda Devir. Fonte: gshow.globo.com.

²⁶ A cultura Afro-brasileira. 8 de Maio de 2011. Disponível em: <http://www.irdeb.ba.gov.br/tamboresdaliberdade/?p=280>. Acesso em: 14 de Jul. de 2015.

A cantora, além do colorido das roupas e turbantes, usava também pinturas no rosto como parte de sua maquiagem e muitos acessórios como colares, anéis, brincos e pulseiras. Os acessórios que remetem a cultura afro são marcados pelo uso de recursos naturais como fontes desses artefatos. Segundo Silva (2011, p. 02), o uso de adornos (Figura 5) é uma das formas mais imediatas de expressar valores culturais numa linguagem simbólica e facilmente comunicável dentro do grupo usuário.



Figura 5. Adornos. Fonte: fatimanegrann.blogspot.com.br.

A cultura africana é o berço de influência para a cultura afro-brasileira. Cada detalhe, cada adereço, estampas, turbantes, cores, são essenciais para manter viva uma forte tradição cultural que une povos de diferentes localizações geográficas. Assumir essa identidade é fundamental para a quebra de uma ditadura de beleza imposta na sociedade que até hoje é responsável pelo massacre da autoestima de muitos negros, principalmente as crianças. O cenário musical trás consigo uma áurea de heroísmo, uma vez que possui artistas que se tornaram referências nacionais e até internacionais através de seus talentos, mas não deixaram de carregar consigo os traços das raízes culturais que possuem e reconhecem como suas, dando grande representatividade a toda uma população que, há muito, busca um espaço que é seu por direito.

Considerações Finais

O Brasil foi o último país a abolir a escravidão. Esse fato deixou marcas intensas na sociedade brasileira. Para entendê-las, é preciso lembrar dos navios negreiros e dos objetos de tortura. Mas o preconceito e a discriminação não ficaram presos naqueles tempos ou nas histórias contadas. É uma das formas mais fortes e marcantes de preconceito que assolam a sociedade é o racismo. Mas para que se lute contra o ele é preciso primeiramente reconhecer que ele existe. Sem essa “confissão” tira-se do foco o alvo que se quer atingir (NUNES, 2006).

As questões raciais no Brasil deveriam considerar o negro como sujeito histórico numa reconstrução. Mas pelo contrário, partem de um resgate sectário da história dos negros. (HENRIQUE, 2007). Somos fruto de uma sociedade miscigenada onde a cultura híbrida predomina na personalidade do brasileiro, da feijoada ao samba no pé. Moura (1983 *apud* HENRIQUE, 2007) cita inclusive que somos influenciados pela cultura negra através de nossas antepassadas escravas africanas. Essa influência fica muito clara na mímica excessiva, no andar, no falar, no canto de ninar e obviamente, na música.

Eis então que ao longo do tempo, no Brasil e, primeiramente, fora dele, a música negra vem vencendo as barreiras do preconceito (o que ainda é superiormente forte). Apesar de tímida, ela (a música negra) aos poucos ganha notoriedade e o que este trabalho mostra é justamente este lado positivo em meio a uma sociedade que não reconhece o valor da minoria oprimida.

A identidade negra vai, além das letras e composições, demarcar seu espaço pelas roupas, adereços, penteados, estampas e estilos bem característicos do povo africano, remetendo a suas raízes. Mas não tem sido uma batalha fácil. Mérito dos precursores que tiveram coragem de arriscar-se frente a uma sociedade racista, eles mostraram seu valor através das artes, da cultura, da beleza natural, mas principalmente da verdade.

A cultura musical negra é a memória em movimento, uma forma de resistência cultural, para que não somente seja absorvida a cultura musical internacional, mas valorizar e difundir cada expressão musical afro-brasileira como o jongo, a calunga, a folia de reis, o axé, seus instrumentos únicos, bem como as danças, que mantêm a cultura afro-brasileira cada vez mais viva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

20 negros importantes para a música mundial, ONLINE, Disponível em: <<http://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2012/11/20/20-negros-importantes-para-a-musica-mundial>> acesso em: 12 Jul. 2015.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de Relações Étnicas e Raciais**. São Paulo: Summus, 2000.

CERQUEIRA, Wagner. **Instrumentos musicais africanos**. Disponível em <<http://www.brasilecola.com/geografia/instrumentos-musicais-africanos.htm>> Acesso em 13 julho. 2015.

CODO, Wanderley. **Educação: Carinho e Trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999

Conheça um pouco da história da música negra no Brasil, ONLINE, Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/cultura/2014/11/conheca-um-pouco-da-historia-da-musica-negra-no-brasil>> acesso em 13/ Jul. 2015.

DUARTE, Kêmelly Agostini, MEZZOMO, Frank Antonio. **A mulher negra e a música popular brasileira: a violência cantada e a perpetuação da injustiça**. In: O Professor PDE e os Desafios da Escola Pública Paranaense. Secretária de Educação do Estado do Paraná, v. 1 , 2012. p, 1- 23.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1988.

Livro traz trajetória de cantoras negras 'não-sambistas', ONLINE, Disponível em: <<http://www.usp.br/agen/?p=10038> > acesso em 13 Jul. 2015.

MACHADO, Maria. **Jongo da Serrinha em concerto**. Disponível em <http://www.musica.ufrj.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1004:jongo-da-serrinha-em-concerto&catid=39:gerais&Itemid=86> Acesso em 12. jul. 2015.

MYERS, David Guy (1999). **Preconceito: O ódio ao próximo**. In Psicologia social (pp. 181-206). Rio de Janeiro: LTC.

NUNES, Sylvia da Silveira. **Racismo no Brasil: Tentativas de Disfarce de uma Violência Explícita**. Psicologia. USP. São Paulo. 2006.

OLIVEIRA, Mario Cesar Pereira. **Linguagem audiovisual e antropologia: paralelos entre o documentário e o texto etnográfico**. Revista Temática. Ano X, n. 05. Paraíba. 2014.

Conheça um pouco da história da música negra no Brasil, ONLINE, Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cultura/2014/11/conheca-um-pouco-da-historia-da-musica-negra-no-brasil>>, acesso em 12 Jul. 2015

SOUSA, Leila. **O processo de hibridação cultural: prós e contras**. Disponível em <http://www.insite.pro.br/2013/janeiro/processo_hibridacao_cultural.pdf> Acesso em 13 julho. 2015.